

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO LEEI

READING AND WRITING PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AN EXPERIENCE REPORT BASED ON THE READING AND WRITING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION PROGRAM (LEEI)

Lorena Teixeira da Silva

Mestranda em Currículo e Gestão da Escola Básica pelo Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da

Escola Básica (PPEB/UFPA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2278697902062576>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4967-7229>

E-mail: lorenateixeirapedagoga@gmail.com

Daniele Dorotéia Rocha da Silva de Lima

Doutora em Educação, professora da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7857318025231705>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1790-9259>

E-mail: danieledoroteia@gmail.com

Resumo: O artigo relata experiências de leitura e escrita na Educação Infantil, mediadas pela docente à luz do programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI). O estudo fundamenta-se no direito das crianças à cultura escrita. Metodologicamente, trata-se de uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Os resultados apontam que as crianças demonstram maior interesse pelas atividades quando estas partem da ludicidade. Destaca-se a construção de um alfabeto com materiais recicláveis, distanciando-se do modelo impresso meramente decorativo. Além disso, o uso pedagógico de rótulos e embalagens possibilita que os alunos relacionem as letras iniciais aos seus próprios nomes. Essa prática fortalece a construção da identidade e confere sentido e significado ao aprendizado da linguagem escrita.

Palavras-Chave: Leitura e Escrita. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

Abstract: The article reports on reading and writing experiences in Early Childhood Education, mediated by the teacher in light of the Reading and Writing in Early Childhood Education Program (LEEI). The study is grounded in children's right to written culture. Methodologically, it adopts a qualitative approach in the form of an experience report. The findings indicate that children show greater interest in activities when they are based on playfulness. A notable outcome was the construction of an alphabet using recyclable materials, moving away from the traditional use of merely decorative printed alphabet displays. In addition, the pedagogical use of labels and packaging enabled children to associate initial letters with their own names. This practice strengthens identity construction and gives meaning and purpose to the learning of written language.

Keywords: Reading and Writing. Early Childhood Education. Pedagogical Practice.

Introdução

Este artigo objetiva relatar práticas pedagógicas relacionadas à leitura e à escrita na Educação Infantil, desenvolvidas à luz da perspectiva do curso de formação continuada Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI). A experiência foi vivenciada com uma turma de crianças de quatro anos em uma Unidade Pedagógica de Educação Infantil no município de Belém, no estado do Pará.

Sendo a leitura e a escrita um campo permeado por diferentes debates, destacam-se, na Educação Infantil, duas perspectivas principais: uma que compreende a leitura e a escrita como práticas sociais, culturais e discursivas, inserindo as crianças na cultura escrita por meio de interações significativas; e outra que enfatiza a antecipação da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, aproximando a Educação Infantil do processo formal de alfabetização e pauta-se nas contribuições de Baptista, Silva e Neves (2023); Brandão e Rosa (2022).

A Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) aderiu ao programa no ano de 2024 e, nesse contexto, os formadores promoveram momentos de diálogo, escuta e atividades práticas com os docentes ao longo dos encontros formativos, frequentemente uma vez ao mês. Esses momentos foram marcados por diversas indagações, dentre as quais se destacou uma questão central: Como promover a leitura e a escrita na Educação Infantil por meio das interações e brincadeiras, distanciando-se de práticas mecanizadas?

O LEEI¹, lançado no ano de 2024, tem como característica central a oferta de formação continuada a docentes que atuam com crianças de quatro e cinco anos de idade, na etapa pré-escolar da Educação Infantil.

Diante do exposto, o relato de experiência organiza-se em introdução, metodologia, revisão bibliográfica sobre leitura e escrita na educação infantil, e resultado quanto à mediação da professora com as experiências das crianças.

Metodologia

O relato de prática docente foi desenvolvido pela primeira autora deste artigo, participante da formação do curso de formação continuada LEEI. A referida prática foi realizada em uma Unidade Pedagógica de Educação Infantil, especificamente com uma turma composta por 23 crianças de quatro anos de idade, no ano de 2025. Nesse contexto, a professora assumiu o papel de mediadora das atividades propostas na sala de referência. Para a produção dos dados, utilizaram-se como instrumentos de registro o diário de bordo e as fotografias. O diário de bordo possibilitou o registro sistemático das observações, das falas das crianças e das reflexões da professora acerca do desenvolvimento das atividades. As fotografias, por sua vez, constituíram importantes registros visuais das experiências vivenciadas pelas crianças, permitindo documentar suas interações, produções e formas de participação ao longo da proposta pedagógica.

A proposta pedagógica surgiu a partir das manifestações, curiosidades e interesses das próprias crianças no cotidiano da sala de referência. Com base em suas narrativas, observações e experiências em rodas de conversa, foi elaborado o planejamento da atividade, tendo como eixo norteador a obra *O aniversário do Seu Alfabeto*, de Amir Piedade (2022). A leitura da história constituiu o ponto de partida para a realização de experiências que promoveram a aproximação das crianças com a linguagem escrita em uma perspectiva lúdica, significativa e contextualizada.

Leitura e Escrita na Educação Infantil

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, consolida-se a partir da Constituição Federal de 1988 e é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, atendendo crianças de zero a cinco anos, organizadas em creche (zero a três anos) e pré-escola (quatro e cinco anos).

¹ Instituído pela Portaria nº 85/2025, publicada em 4 de fevereiro de 2026, o programa integra o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

Com a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), estabelecem-se orientações para a elaboração das propostas pedagógicas dessa etapa da educação básica. Tais propostas configuram-se como um plano orientador das ações desenvolvidas nas instituições de Educação Infantil.

Dessa forma, com base nas DCNEI (Brasil, 2009), a proposta curricular dessa etapa deve ser orientada pelos eixos estruturantes: interação e a brincadeira. Nesse sentido, as instituições de Educação Infantil devem criar condições e mecanismos que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (Brasil, 2009, p. 25). Torna-se, portanto, fundamental que as crianças tenham contato, desde a primeira infância, com livros e diferentes manifestações da linguagem escrita, por meio de práticas como rodas de conversa, contação de histórias e momentos de leitura compartilhada, independentemente de já saberem ler de modo convencional.

Nesse sentido, tratar da leitura e da escrita na Educação Infantil remete à necessidade de um olhar histórico, que permita compreender a constituição dessas categorias ao longo do tempo. Em diferentes momentos da história da educação brasileira, leitura e escrita foram compreendidas predominantemente como práticas estritamente alfabetizadoras. Nessa perspectiva, considerava-se que a criança menor de seis anos deveria ser preparada para que, posteriormente, a leitura e a escrita se efetivassem. Segundo Brandão e Rosa (2022):

No Brasil, até os anos de 1960 do século XX, predominava o discurso de “maturidade para a alfabetização”. Em outras palavras, a aprendizagem da leitura e da escrita resultaria de um “amadurecimento” de certas habilidades, de modo que “o ensino” estaria condicionado a esse “desabrochar natural” que, supostamente deveria ocorrer em torno dos seis ou sete anos. Acreditava-se, ainda, que a criança não teria qualquer interesse em ler e escrever até essa idade [...]. (Brandão; Rosa, 2022, p. 14).

Sob essa perspectiva, as crianças tinham pouco ou nenhum acesso aos livros e às práticas de leitura e escrita. Quando presentes, essas experiências restringiam-se, em geral, a atividades mecânicas, como exercícios de coordenação motora, treino gráfico e repetição, desconsiderando a linguagem escrita como prática social e cultural. Baptista; Silva e Neves (2023) destacam que, já na década de 1980, havia defensores da antecipação da alfabetização para a pré-escola, por meio de atividades centradas no estudo de letras e sons de forma descontextualizada e pouco significativa para as crianças.

Em contraposição a essa concepção, o LEEI fundamenta-se na compreensão de que a leitura e a escrita constituem práticas sociais que podem e devem integrar o cotidiano da Educação Infantil, respeitando as especificidades da infância e sem antecipar o processo formal de alfabetização. Nesse sentido, o Caderno três (Brasil, 2016), dedicado à linguagem oral e escrita, apresenta referenciais teóricos e proposições pedagógicas que orientam o trabalho docente com as múltiplas linguagens, favorecendo a inserção das crianças na cultura escrita sem que isso implique sua apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.

Nessa direção, conforme argumenta Lev Vygotsky (1998), desde a década de 1930 já se evidenciava a necessidade de que a escrita tivesse significado para a criança, considerando sua capacidade de compreender e atribuir sentido à sua função simbólica. Desse modo, a escrita não deve ser compreendida apenas como uma habilidade motora, mas, sobretudo, como uma forma de linguagem carregada de sentido e de significação social.

Trazendo a discussão para os dias atuais, as DCNEI (Brasil, 2009) reafirmam o compromisso dessa etapa da educação básica em não antecipar conteúdos próprios do ensino fundamental. Assim, torna-se fundamental que as crianças participem de rodas de conversa e de contação de histórias mediadas pelo adulto ou professora, favorecendo sua inserção em práticas culturais relacionadas à leitura e ampliando seu contato com a linguagem oral e escrita desde a primeira infância. Sendo assim, nada impede que as crianças tenham acesso ao livro de histórias, à escrita, à leitura.

Na seção seguinte, apresenta-se a mediação docente desenvolvida à luz dos pressupostos

do LEEI, evidenciando como a professora organizou, de forma lúdica e significativa, uma proposta de construção do alfabeto a partir da escuta sensível das crianças e de suas experiências.

A Mediação Docente a partir do LEEI

O caminho metodológico insere-se na abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência. Trata-se da análise da inserção da prática pedagógica da professora, enquanto mediadora do processo educativo, com crianças de quatro a cinco anos na Educação Infantil, especificamente na etapa da pré-escola, em uma unidade pedagógica do município de Belém.

A proposta pedagógica surgiu concomitantemente com as formações do LEEI. A partir de uma roda de conversa realizada entre as crianças e a professora, no início do ano letivo de 2025, foi possível perceber o quanto as crianças já traziam experiências e percepções acerca dos outros momentos na educação infantil. Durante essa interação, a docente problematizou, junto ao grupo, o que estaria faltando ou o que poderia ser realizado para tornar a sala de referência mais acolhedora e significativa, solicitando que as crianças observassem o ambiente e se manifestassem com base em suas experiências.

Cabe destacar que a sala, naquele momento, não possuía elementos como cartazes, materiais lúdicos ou outros recursos visuais, apresentando-se desprovida de estímulos que dialogassem com o universo infantil. Nesse contexto, tornou-se fundamental ouvir as crianças, a fim de extrair de suas falas, compreensões, observações e conhecimentos sobre o ambiente e suas necessidades.

Nessa perspectiva, compreende-se a criança como um sujeito que produz cultura e que, na Educação Infantil, assume papel central na construção do currículo. Dessa forma, as DCNEI consideram o currículo como a “articulação das experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade” (Brasil, 2009, p.12)

Vale destacar, portanto, a importância de reconhecer a criança como protagonista no fazer pedagógico da professora, evidenciando a diferença entre um currículo tradicional, baseado em listas de conteúdos — ainda recorrente em muitas práticas — e um currículo em que a criança é participante ativa, ocupando lugar central no processo educativo.

Sendo assim, as crianças passaram, então, a elencar diferentes elementos, como cartazes, livros e brinquedos, enquanto a professora, como escriba, registrava no quadro branco as contribuições apresentadas. Após algum tempo, uma das crianças mencionou a ausência do alfabeto. Diante disso, a professora questionou o grupo sobre o que seria o alfabeto, ao que a criança respondeu tratar-se de “um monte de letras”. Em seguida, ao serem indagadas acerca da função das letras, as crianças permaneceram em silêncio, observando-se mutuamente, o que evidenciou a ausência de respostas imediatas sobre o tema.

Salienta-se que, no início do ano letivo, muitas instituições de Educação Infantil disponibilizam o alfabeto impresso nas paredes das salas de referência. No entanto, esse recurso, quando não mediado por práticas pedagógicas significativas, tende a não apresentar funcionalidade para as crianças, configurando-se apenas como um conjunto descontextualizado de letras. Em muitos casos, inclusive, esse material acaba sendo pouco explorado pela docente ao longo do ano, tornando-se um elemento meramente decorativo no ambiente educacional.

Percebendo que se tratava de algo de interesse das crianças, a docente passou a organizar seu planejamento em diálogo com a turma, de modo que a leitura e a escrita, numa perspectiva discursiva, estivessem presentes nas atividades lúdicas, proporcionando às crianças descobertas e desafios relacionados à função social da escrita. Dentre as ações planejadas, utilizou-se o livro *O aniversário do Seu Alfabeto*, de Amir Piedade (2022), para a contação de histórias.

Em uma roda de conversa, foi realizada a contação de uma história que tinha como personagem principal o Sr. Alfabeto, um boneco confeccionado em feltro e composto pelas 23 letras do alfabeto. As crianças ouviram atentamente a narrativa, interagiram com o boneco e demonstraram grande interesse em levá-lo para suas casas. Ao longo de um mês, as crianças tiveram a oportunidade de levar o material para suas residências, possibilitando a mediação da leitura por um adulto.

Para tanto, foi realizada a construção coletiva do alfabeto em sala, sendo as próprias

crianças responsáveis por esse processo, a partir de materiais de fácil acesso, como papelão, algodão, barbante, canudos e esponjas, entre outros. As letras foram desenhadas no papelão e, posteriormente, decoradas pelas crianças com os materiais disponibilizados. Ao término da atividade, o alfabeto ficou exposto na sala durante o ano letivo.

Figura 1. Exploração do material construído pelas crianças



Fonte: acervo da autora (2025)

As crianças têm acesso cotidiano às letras, uma vez que estas circulam constantemente em seu meio social, estando presentes em jornais, embalagens e livros infantis. Nesse contexto, foram propostas outras atividades que possibilitassem às crianças observar e desenvolver um olhar mais atento para os objetos que fazem parte de seu cotidiano.

Dentre essas atividades, destaca-se a construção do alfabeto de rótulos. Para isso, as crianças trouxeram rótulos de embalagens de utensílios domésticos de suas residências e os colaram em um cartaz disponibilizado pela professora. Ressalta-se que, desde muito cedo, as crianças demonstram interesse pelas letras, especialmente aquelas relacionadas aos seus nomes próprios (Brandão; Rosa, 2022).

Figura 2. Construção do alfabeto de rótulos/embalagens



Fonte: acervo da autora (2025)

Ao chegarem ao ambiente da sala de referência, as crianças abriam suas mochilas para mostrar a quantidade de rótulos que haviam trazido para a escola, sendo muitos deles de creme dental, sabão em pó e amaciante de roupas. Era perceptível a alegria e ansiedade para realizar a colagem dos rótulos em suas respectivas letras iniciais.

As crianças demonstraram realizar a leitura dos rótulos em um contexto global, atribuindo sentido a partir da função social dos produtos. O creme dental (Colgate), por exemplo, era compreendido como “pasta de dente” utilizada para escovação, enquanto o sabão em pó (ALA) era associado à lavagem de roupas. Conforme Smolka (2012), as crianças buscam interpretar a linguagem escrita com base em suas vivências e experiências prévias, ou seja, a partir de elementos que fazem parte de seu cotidiano.

As crianças, tanto das camadas populares quanto das classes média e alta, encontram-se imersas na cultura escrita. As oriundas de áreas urbanas, estão frequentemente expostas à

escrita em diferentes contextos do cotidiano, como em ônibus, outdoors, placas de sinalização, supermercados e shopping centers. Desse modo, evidencia-se a presença constante do escrito nas configurações sociais e nas práticas cotidianas (Galvão, 2016).

Pode-se perceber que as atividades proporcionadas às crianças na Educação Infantil se distanciam de um modelo tecnicista, tradicional e mecanizado de ensino, o qual se caracteriza pela repetição de letras, pela permanência prolongada em carteiras e pela organização enfileirada. Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas, especialmente por meio da roda de conversa, mostraram-se significativas, uma vez que despertaram o interesse das crianças, promovendo envolvimento, alegria e a construção de conhecimentos de forma lúdica e prazerosa.

Corroborando essa discussão, Smolka (2012) critica a redução da escrita infantil a uma mera “habilidade motora a ser desenvolvida”, destacando que, nessa abordagem, as preocupações se voltam excessivamente para os pré-requisitos da alfabetização, em detrimento das interações sociais. A autora defende a alfabetização como um processo discursivo, no qual o sujeito passa a interagir com diferentes situações de uso da linguagem vivenciadas em seu contexto social. Por sua vez, Ferreiro (1985, p. 102) afirma que o acesso à linguagem escrita não se restringe ao ensino da sonorização ou à repetição de exercícios mecanizados, mas exige “imaginação pedagógica para dar às crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita”.

Um trabalho construído pelas próprias crianças ganha maior sentido, pois elas passam a observar, tocar, experienciar, relacionar e reconhecer as letras, identificando, sobretudo, as iniciais de seus nomes próprios. Além disso, demonstraram cuidado e pertencimento em relação ao cartaz do alfabeto, compreendendo-o como parte significativa do ambiente educativo.

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido com as crianças possibilitou a revisão do processo de aquisição da escrita e a compreensão de como elas são inseridas nas práticas de leitura por meio da mediação do professor. Proporcionar à criança da pré-escola o acesso à leitura implica, também, reconhecer e valorizar as sutilezas presentes em suas manifestações, o que exige do adulto uma postura atenta e sensível.

Compreender a leitura e a escrita na educação infantil sob um enfoque discursivo, a partir do curso Leitura e Escrita na Educação Infantil (LEEI), permite evidenciar a possibilidade de desenvolvimento de práticas pedagógicas nas quais as crianças assumem o protagonismo no processo educativo. Por meio de interações e brincadeiras mediadas pelas docentes, observa-se que as crianças demonstram interesse em participar da construção do alfabeto nas salas de referência, bem como cuidado, zelo e engajamento com os materiais produzidos coletivamente. A partir dessas experiências, passam a interagir com o alfabeto, identificando letras iniciais de seus nomes, dos colegas, de objetos e de familiares, atribuindo sentido ao uso da linguagem escrita.

O acesso à leitura e à escrita constitui um direito das crianças, que se inicia desde a primeira infância, ainda na condição de bebês, e se estende ao longo da vida. No entanto, é fundamental reconhecer que as crianças possuem singularidades e especificidades próprias de seu desenvolvimento.

Referências

BAPTISTA, Mônica Correia; SILVA, Hilda Aparecida Linhares da; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Leitura, escrita e alfabetização: o que a educação infantil tem a ver com isso? **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 2, p. 168-182, 2023.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, p. 18, 18 dez. 2009. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/resolucoes-do-cne/ceb/2009/rceb005_09.pdf. Acesso em: 7 jul. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 7 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações**. 1. ed. Brasília: MEC/SEB, 2016. 120 p.: il. (Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v. 4).

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Crianças e cultura escrita. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interação*. Brasília: MEC/SEB, 2016. p. 13–41.

PIEDEDE, Amir. **O aniversário do Seu Alfabeto**, 2022.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 13. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em 20 maio 2026

Aceito em 10 julho 2026